

OS PORTUGUESES. IMAGENS NARRATIVAS EM CRÓNICAS DE QUINHENTOS –TRAÇOS DE UMA IDENTIDADE?

ANA PAULA AVELAR

Esta comunicação parte do que tem sido o meu campo de investigação, i. e. o desvendar dos vários sujeitos históricos que cruzaram as paragens orientais e que sobre elas escreveram. É o buscar cada autor que sujeito e objecto da História, descreve as acções dos portugueses no espaço indiano, este entendido como o Índico -, considerando a costa oriental africana, as costas de Cambaia, do Malabar, a diversidade da península do Indostão, e o extremo marcado por Malaca. Apesar das diferenças inerentes aos múltiplos microcosmos considerados, a difusão e concentração da presença portuguesa por estas paragens repercute-se naquelas que são as balizas temporais da minha investigação: 1498 - Primeira viagem de Vasco da Gama - a 1550.

Assim, o objecto sobre o qual me debruço são os textos produzidos em língua portuguesa, escritos na primeira metade do século XVI e que relatam as acções dos portugueses fora do espaço europeu, mais concretamente no Índico. Procuro, deste modo, desvendar o universo português na sua percepção daquele espaço. Várias questões se colocam, nomeadamente a de procurar entender de que modo se desconstruiu e reconstruiu ao longo destes anos a imagem do português enquanto colectivo e indivíduo, e as atitudes que estão subjacentes a estas percepções, como as reacções de repúdio ou de diálogo face à diferença. Estaremos perante um choque de identidades ou, antes do mais perante um constatar de diferenças que de um ou de outro modo se conjugam e ou confrontam?

Para a procura de traços de uma ou várias identidades necessitamos de olhar a viagem que foi o abandono de um espaço mais ou menos conhecido e o embarque para um outro muitas vezes imaginado. Assim recorrente no nosso trabalho será o tema da viagem. Nesta comunicação iremos

afloorar alguns dos elementos formadores que, de um ou de outro modo expressam uma identidade. Começemos pois pelo contemplar a forma como são descritas as partidas dos mareantes portugueses no início do século XVI.

A expectativa que os acompanhava era enorme, até porque a fantasia há muito rodeava as paragens orientais e corria igualmente em Portugal. Para tal basta recordar o interesse que despertou nos círculos europeus, logo no início do século XIV, a descrição da viagem de Marco Polo e o esquecimento a que foi votado o relato coevo das viagens de João Carpino, o qual seguindo uma certa contenção e linearidade discursiva narrava os sucessivos acontecimentos das suas deambulações. O encantamento que florescia na prosa do livro de Marco Polo decerto justificou a sua ampla difusão, não tanto, como Luis de Albuquerque acentuou (...) como lições de geografia e de etnografia que o Livro também continha¹, mas muito mais como uma narrativa que constantemente apelava à imaginação do leitor através do recurso à fantasia que em muito tocava a de um *Livro de Maravilhas*.

Porém, a ideia do maravilhoso é, não só, algo que prepassa a escrita de todos os tempos e também a do século XVI, como é igualmente elemento presente em quem escreve sobre a Expansão Portuguesa. É certo que teremos que ter em atenção o facto de se utilizarem as estratégias retóricas do discurso, em particular no recurso ao género demonstrativo nos argumentos que deveriam acompanhar o elogio; destaca-se deste modo a exaltação como estratégia discursiva. Esta é por excelência empregue nos textos que servem de introdução às narrativas. Tendo em atenção este aspecto, não deixa de ser interessante a presença, mais ou menos constante, da ideia do maravilhoso como epíteto enunciador de um tempo, o da Expansão.

Emblemática do que referi, é a assim designada epístola de Valentim Fernandes que acompanha a tradução do livro de Marco Polo, a qual se inicia exactamente pela expressão «Vimos hoje cousas maravilhosas»², explanando o autor em seguida as referidas maravilhas (...) onde em outro tempo os vossos reinos não foram sabidos, já são conhecidos e soados per todo o mundo, e disso se temem os mouros, se espantam os indianos, e todo o universo se maravilha.»³

Tal estratégia é encontrada nos textos da Expansão, nomeadamente nas crônicas, como em Fernão Lopes de Castanheda, com a vontade de (...) serem divulgadas pelo mundo as notáveis façanhas que fizeram com ajuda de nosso Senhor neste descobrimento e conquista (...)»⁴; em João de Barros, onde se constata a vontade de escrever (...) o que eles fizeram no descobrimento e conquista do Oriente, por se não perderem da memória dos homens que vierem depois de nós (...)»⁵; ou em Gaspar Correia onde ainda que já *males* surjam nas *cousas da Índia*, também ele escreve (...) os feitos e acontecimentos no descobrimento e conquista de tantos reinos e senhorios, em que os feitos dos Portugueses parecem mais

milagrosos que por outra nenhuma razão(...)-⁶. Esta exaltação não marcaria, contudo, todos aqueles que partiam para o Oriente.

A viagem representa o início de um processo de identificação, que passa pela *descoberta* e *conquista* de outras paragens, nomeadamente as orientais, através de um espaço que é o mar. Tal repercute-se de imediato nos títulos das obras de Fernão Lopes de Castanheda, João de Barros e Gaspar Correia. Se tal constatação será mais ou menos fácil numa **História do Descobrimento e Conquista da Índia pelos Portugueses**, de Fernão Lopes de Castanheda, ou numa **Ásia** de João de Barros que apresenta de imediato como subtítulo **Dos feitos que os Portugueses fizeram no descobrimento e conquista dos mares e terras do Oriente**, já as **Lendas da Índia** poderão ocultar esta ideia, ainda que ela se encontre bem espelhada nos textos que servem de introdução à narrativa. Basta desde logo ler o que acompanha o primeiro Livro, ou ter em atenção a dupla nomeação que o autor dá à sua obra, a qual aparece designada por *lenda*, significando narrativa digna de se ler, ou *Coronica dos Feitos da Índia*. Não nos deveremos esquecer que esta obra corre manuscrita no século XVI, e que, até à sua primeira publicação no século XIX, sofreu várias vicissitudes⁷.

As fronteiras entre o eu-colectivo, neste caso os portugueses, e os *outros*, representado pela designação espacial - Índia - Oriente, assinala já a distinção que se pretende fazer entre um colectivo designado (os portugueses) e os *outros* (Oriente -Índia), onde se designam, ao longo das narrativas, os mouros, os gentios, os rumes, os turcos, os mamelucos, os guzarates, os malabares, os bramanes, os de Cochim, os de Calecut....

Mas a viagem paradigmática é a de Vasco da Gama (1498). Ela significa a *Descoberta*, o caminho iniciático, o cruzar de diferentes mares. Daí a importância que tem a sua descrição para a apreensão do processo de descoberta. No entanto, se olharmos para outras narrativas que descrevem a presença do seu autor no Oriente, i.e., a descrição de uma permanência localizada que pela novidade exige publicitação, encontramos, de um modo mais ou menos explícito, a referência ao percurso do autor, à sua viagem. Esta funciona como fio condutor do seu encontro com os outros - e muito particularmente para quem o lê ou o escuta⁸. Recorde-se **O livro de Duarte Barbosa, a Suma Oriental**, de Tomé Pires, a **Navegação às Índias Orientais**, de Tomé Lopes, ou ainda outros escritos, como a **Relação de Álvaro Velho**, e aqueles textos que são muitas vezes referidos como *diários de Bordo*, apesar de eu preferir, seguindo outros investigadores, a designação de *relações de viagem*⁹.

Mas olhemos o modo como foi descrita nesta primeira viagem de Vasco da Gama o seu momento inicial, i.e., a partida de Lisboa, e a valoração que o *topos referencial* ganhou nas diferentes *Cronicas da Expansão*¹⁰.

Todos estes textos seguem uma sequência narrativa similar. Alguns autores (João de Barros e Gaspar Correia) referem a missa na capela do Restelo, seguindo-se, em todos eles, a descrição da procissão; a comoção das gentes; o largar da armada. Estas narrativas clamam o recurso a testemunhas que presenciaram este acontecimento, para além de, por certo, se terem auxiliado da sua própria *memória*: Fernão Lopes de Castanheda e Gaspar Correia permaneceram no Oriente, segundo os seus biógrafos, o primeiro durante aproximadamente 10 anos, o segundo cerca de 4 décadas; por seu turno, João de Barros, como feitor da Casa da Índia, assistia à partida das naus daquela que era, segundo Damião de Góis, uma das *Senhoras e (por assim dizer) rainha dos Mares*, Lisboa¹¹. Por fim, tanto João de Barros como Fernão Lopes de Castanheda terão certamente recorrido à *relação de Alvaro Velho*¹², que descreve esta primeira viagem de Vasco da Gama. Gaspar Correia, no entanto, ter-se-ia socorrido do relato de Juan Augur, o qual utilizou o texto de Martín Fernández de Figueiroa sobre a sua presença no Oriente entre os anos de 1505-1511, e terá incluído como introdução a descrição do *descobrimento do caminho marítimo para a Índia*¹³.

Segundo Lopes de Almeida assiste-se a uma certa concordância entre alguns episódios da viagem, o que leva a supor que Gaspar Correia, até devido à sua longa permanência no Oriente, terá tido acesso ao relato de Figueiroa, e não à relação de Alvaro Velho. Assim se compreendem as informações, de certo modo discrepantes, que encontramos nas **Lendas da Índia** face às narrativas de Fernão Lopes de Castanheda e de João de Barros, as quais, como já referimos, seguem Alvaro Velho, manuscrito que corria em Portugal.

Apesar da utilização de estratégias discursivas diferenciadas – desde um intenso dramatismo de João de Barros, à contenção discursiva de um Fernão Lopes de Castanheda e de Gaspar Correia –, o olhar de quem parte é o de quem guarda a *memória*. Assim, e tendo como fonte uma breve enunciação de Alvaro Velho: «Partimos de Restelo um sábado, que eram oito dias do mês de julho, da dita era de 1497, nosso caminho – que Deus N.S.or deixe acabar em seu serviço. Amem.»¹⁴ Fernão Lopes de Castanheda, depois de assinalar a saída da procissão de nossa Senhora de Belém, afirma: «(...) iam em pelote e cirios acesos nas mãos, e os frades rezando; e ia com eles a maior parte da gente de Lisboa, e a mais chorava com piedade dos que se iam embarcar crendo que haviam todos de morrer. Embarcados todos e Vasco da Gama como os outros capitães, logo deram às velas e se partiram de foz em fora.»¹⁵

Gaspar Correia, apesar de amplamente descrever o encontro de Vasco da Gama com o rei D. Manuel, e de relatar a equipagem das diferentes embarcações, bem como os soldos que cada um receberia em tal empresa, sucintamente escreve: «E sendo dia de Nossa Senhora de Março, todos ouviram Missa, e logo s'embarcaram, e deram à vela, e saíram do rio, indo Elrei no seu batel os acompanhando, e falando a todos com bênçoes, e boas horas se despediu deles, ficando sobre o remo até

desaparecerem, como parece desta pintura da cidade de Lisboa.¹⁶ Por seu turno, Joao de Barros, utilizando como estratégia retórica a *ampliatio*, desmultiplica os *quadros narrativos* que apresenta. Apesar de extensa, pela fluidez encantatória e sensorial que as suas palavras transmitem, passo a citar a referida passagem: «Ao seguinte dia que era sabado oito de Julho, por ser dedicado a nossa senhora e a casa de muita romagem: assim por esta devoção, como por se irem despedir dos que iam na armada concorreu grande número de gente a ela. E quando foi ao embarcar de Vasco da Gama, os freires da casa com alguns sacerdotes que da cidade lá eram idos dizer missa, ordenaram uma devota procissão com o que levavam ante si nesta ordem: ele e os seus com cirios nas maos e toda a gente da cidade ficava detrás respondendo a uma ledainha que os sacerdotes diante iam cantando, até os porem junto dos hateis em que se haviam de recolher. Onde feito silêncio, e todos postos em joelhos, o vigário da casa fez em voz alta uma confissão geral:»¹⁷ (a qual segundo Joao de Barros, como ele próprio continua teria seguido a forma das bulas dadas pelo Infante D. Henrique).

Mas o cronista continua: «No qual auto foi tanta a lágrima de todos, que neste dia tomou aquela praia posse das que nela se derramam na partida das armadas que cada ano vão a estas partes que Vasco da Gama ia descobrir: donde com razão lhe podemos chamar praia de lágrimas, pera os que vão, e terra de prazer aos que vêm.»¹⁸ Marca-se a descrição segundo um ritmo sincopado acompanhando o desenrolar dos preparativos: «... E quando veio ao desfraldar das velas que os mareantes segundo seu costume deram aquele alegre principio de caminho, dizendo boa viagem: todos que estavam prontos na vista deles, com uma piedosa humanidade dobraram estas lágrimas: e começaram de os encomendar a Deus, e lançar juizos segundo o que cada um sentia daquela partida. Os navegantes, dado que o fervor da obra e alvoroço daquela empresa embarcaram contentes, também passado o termo do desferir das velas, vendo ficar em terra seus parentes e amigos, e lembrando-lhe que sua viagem estava posta em esperança, e não em tempo certo nem lugar sabido: assim os acompanhavam em lágrimas como em o pensamento das cousas que em tao novos casos se representam na memória dos homens.»¹⁹ E *notando* o deslizar das embarcações, acrescenta Joao de Barros «Assim que uns olhando pera a terra e outros pera o mar, e juntamente todos ocupados em lágrimas e pensamento daquela incerta viagem: tanto estiveram prontos nisso, até que os navios se alongaram no porto.»²⁰

A formação pessoal marca os sujeitos narrativos. Assim a narrativa concisa de um Fernao Lopes de Castanheda decorre da sua formação de bedel da Universidade de Coimbra. Em contrapartida, o recurso à imagem pictórica como fonte documental, utilizada por Gaspar Correia, corresponde aos sucessivos trabalhos que desenvolveu na Índia, nomeadamente ao presenciar a reconstrução da casa de S. Tomé, ao debuxar as diferentes praças portuguesas no Oriente e que

acompanham as suas **Lendas da Índia**, e muito particularmente o trabalho que lhe foi encomendado por D. Joao de Castro de serem retratados os governadores portugueses da India; seguindo as suas orientações, decerto descritivas e correctoras, um pintor indiano encarregou-se de tal tarefa, a qual, como o próprio Gaspar Correia escreveu: «quem os primeiro viu em sua pintura logo os conhecia.»²¹ Por ultimo, Joao de Barros exerceu o seu exímio trabalhar da lingua portuguesa. E, deste modo, entramos num outro elemento construtor de uma identidade, a lingua.

Ora é precisamente Joao de Barros um dos primeiros autores de uma gramática portuguesa. Aliás, a lingua é conscientemente entendida como um factor de unificação, no caso da presença portuguesa no Oriente, funcionaria como consolidação da mesma, e seria até um exercicio efectivo de conquista. Não é por acaso que encontramos apenso ao **Diário de Vasco da Gama** uma listagem de palavras em português e malaio com o titulo de *Esta he a linguagem de calecut*²². A preocupação em comunicar com o outro obrigava a este exercicio.

A própria afirmação da lingua leva ao marcar de uma identidade num concerto mais alargado das nações. Verdadeiramente paradigmáticas são as palavras de Joao de Barros no seu prólogo à Primeira Década da **Ásia**. Partindo da busca da essência da fala designa a importância da palavra escrita. Vejamos, pois: «(...) mediante o padar, lingua, dentes e beiços, um respiro de ar movido dos hofes, causado de uma potência a que os latinos chamam affatus, se formasse em palavras significativas, pera que os ouvidos seu natural objecto, representassem ao entendimento diversos significados e conceitos segundo a disposição delas: assim quis que mediante caracteres das letras que usamos, dispostas na ordem significativa da valia que cada nação deu ao seu alfabeto, a vista objecto receptivo destes caracteres, mediante eles, formasse a essência das cousas e os racionais conceitos, ao modo de como a fala em seu officio os denuncia. E ainda quis que este modo de elocução artificial de letras: per beneficio de perpetuidade precedesse ao natural da fala. Porque esta sendo animada não tem mais vida que o instante de sua pronunçiação, e passa a semelhante tempo que não tem regresso: e as letras sendo uns caracteres mortos não animados, contem em si espirito de vida, pois a dao a cerca de nós todas cousas.»²³

Este perpetuar dos actos, do passado, passa não só pelo escrever dos feitos mas também, pelo facto de esses feitos serem escritos em português. Fernão Lopes de Castanheda afirma a sua primazia no escrever a História dos Portugueses no Oriente em português, e factor interessante desta marca de identidade, a importância que teria para os leitores a sua obra ter sido traduzida para a lingua francesa. Aliás, a reivindicação deste primado da escrita não é só apanágio de Fernão Lopes de Castanheda mas também de Joao de Barros, o qual levanta a questão logo no prólogo da sua *Primeira Década*. Não é porém do âmbito deste

nosso estudo historiar a polémica que se estabelece entre estes cronistas da Expansão e entre quem sobre eles tem escrito. Dela nos ocuparemos noutros espaços.

A lingua foi no século XVI uma marco da expressao e da expansao do *império*. Não é por acaso que António Nebrija, autor da primeira gramática em lingua castelhana (1492), como assinalou Maria Leonor Carvalhao Buescu: (...) admiravelmente traduz na expressao: 'siempre la lengua fue companera del império.'²⁴ Já Joao de Barros escreveu, no seu **Diálogo em Louvor da nossa Linguagem** 'As armas e padrões portugueses, pôstos em África e em Ásia, e em tantas mil illhas fóra da repartiram das três partes da terra, materiaes sam, e pôde-as o tempo gastar, però nam gastará doutrina, costumes, linguágem, que os Portugueses nestas terras leixárem.'²⁵ A lingua é um factor de identidade e instrumento de conquista e dominio, daí a importância que tem no concerto das nações europeias o facto de escrever os feitos dos portugueses na sua lingua materna, o que significa dá-los a conhecer a outros: aliás, isso sê-lo-á de imediato feito através das vias oficiais, nomeadamente da correspondência trocada entre os monarcas portugueses, a Santa Sé, e as outras coroas, muito particularmente a espanhola, utilizando-se correntemente o latim.

Mas a lingua é também tradutora de um fenómeno de transmutação que o contactos com outros provoca nos homens, e isso é observado por quem, como Joao de Barros, foi um observador atento dos que cruzavam os mares, e um preocupado estudioso da linguagem: (...) da conquista da Ásia, tomámos *chatinar* por *mercadejar*; *beniaga* por *mercadoria*; *lascarim* por *homem de guerra*; *çumbaia* por *mesura* e *cortesia*, e outros vocabulos que sam já naturaes na boca dos homens que naquelas partes andaram, como o seu próprio português.'²⁶

A lingua encontra-se já no século XVI ligada a um outro elemento de manifestação e afirmação de uma identidade, i. e., a fronteira. Como aliás tao bem assinala John Hale na sua obra **The Civilization of Europe in the Renaissance**, 'There was little sense either that geographical features, save the sea, were natural frontiers. No two countries were content to be separated by a river, so natural was the bond between its banks at a time of bad roads and comparatively cheap water transport. Mountain ranges existed to be crossed, though their passes might be held on both sides. There was however, a notion that the limits of a spoken language formed a frontier.'²⁷

A marcação da fronteira, naquilo que representaria a sua transposição representativa, ligar-se-ia à evolução do conceito de medida e de certo modo a um processo de quantificação do real. Ora a representação do espaço fisico está intimamente ligada ao percurso, à viagem e à necessidade da sua notação, i.e. a sua representação, por exemplo, a nível cartográfico. Não é do âmbito da nossa investigação esboçar aqui a evolução que sofreu a cartografia portuguesa

no século XVI, nem sequer delinear as questões que se prendem com aquilo que alguns historiadores designam pelo processo de aritematização ou matemática do real no século XVI²⁸. Apenas queria apresentar duas notas: a primeira prende-se com o modo como são efectuadas as descrições do espaço físico nas crónicas de expansão; a segunda, a marca autoral que percorre estas mesmas descrições.

As descrições, e isso é por demais conhecido, seguem o ponto de vista do autor, i.e., do português que descreve o espaço físico posicionando-se de mar para terra. O *topos* descritivo obedece sempre a este movimento Mar-Terra. Dá-se a apreensão da impressão visual geral do espaço e parcelarmente desce-se para campos de visão mais ou menos delimitados, muitas vezes determinados pelo objectivo específico dessa micronarrativa. Para sermos mais claros, se no momento o autor, seja Fernão Lopes de Castanheda, seja João de Barros, seja Gaspar Correia, – e muito mais Castanheda e Gaspar Correia do que João de Barros, pois este socorre-se de quem vivenciou esses lugares –, devido ao conhecimento que tiveram do local descrevem um determinado espaço, por exemplo Melinde, utilizando a sua memória do espaço, enquadram-na no preciso momento da acção descrita. Vejamos as palavras de Gaspar Correia no momento da chegada de Vasco da Gama a esta cidade: «(...) assi andaram até chegar a Melinde, que está na costa Brava; e por a cidade ser grande e de nobre casario, e cercada de muro assentada na praia, fez grande mostra que os nossos vindo houveram mui grande prazer, dando muitos louvores a Nosso Senhor os trazer a tal terra, e surgiram defronte da cidade, junto de muitas naus que estavam no porto todas embandeiradas, que ElRei também mandou pôr bandeiras pelo muro da cidade, por mostrar aos nossos o prazer que tinha da sua chegada.»²⁹ Por seu turno, Fernão Lopes de Castanheda escreveu: «E neste mesmo dia ao sol posto chegou a frota defronte da cidade de Melinde que está dezoito léguas de Mombaca em três graus da banda do sul. Não tem bom porto por ser quase costa brava, e estar de dentro dum recife que arrebenta o mar: e por isso é o surgidouro das naus de longe da terra, está assentada em um campo ao longo do mar e parece-se com Alcochete: tem ao redor muitos palmares e arequeis que todo o ano estão verdes, e assi muitas hortas com noras em que há todo o género de hortaliças e de frutas, principalmente laranjas doces que são muito grandes e gostosas; é muito abastada de mantimentos, milho, arroz, gado grosso e meudo, e galinhas e tudo muito gordo e barato: é grande e bem arruada, e de muito fermosas casas de pedra e cal, de muitos sobrados, e eirados e janelas.»³⁰

E, por último, João de Barros anotou que: «Seguindo Vasco da Gama seu caminho com esta presa de mouros: ao outro dia que era Páscoa de Resurreição, indo com todos navios embandeirados e acompanha deles com grandes folias por solenidade da festa, chegou a Melinde.»³¹ E sobre a cidade, mais não disse.

Alvaro Velho, fonte utilizada tanto por Castanheda como por Joao de Barros, registou a dado momento que: «Neste mesmo dia, ao sol posto, lançámos âncora em direito de um lugar que se chama Melinde, o qual está de Mombaca trinta léguas; e, de Mombaca a esta vila de Melinde, há estes lugares que se seguem: primeiramente Benapa e Toça, e Nuguo-Quionica.»³⁹ Posteriormente noticiou: «Esta vila de Melinde esta em uma angra, e esta assentada ao longo da praia; a qual vila se quiere parecer com Alcochete.

E as casas sao altas e mui bem caiadas, e têm muitas janelas.

E tem ao longo dela, da banda do sertao, que está pegado com as casas, um palmeiral muito grande: e tôda a terra de redor são lavouras de milho e outros legumes.»⁴⁰ As preocupações no registo dos costumes, da religião, das guerras, sucedem-se nos diferentes discursos, nos diferentes autores, tal como, por exemplo acontece com Fernao Lopes de Castanheda ao afirmar que: «Este rei de Calecut era bramene, como também o são outros: que entre os malabares são sacerdotes, e por isso hão todos de acabar sua vida em um pagode que é casa de oração dos seus ídolos que tem deputado para isso: e sempre nela há-de haver um rei que os sirva: e este morto põe logo em seu lugar o que reina: e o reino põe outro que lhe sucede, e ainda que o que reina não queira entrar no pagode: morto o que está nele hão-no de fazer entrar por força. Estes reis do Malabar são homens baços e andam nus da cintura para cima e pera baixo se cobrem com panos de seda, e algodão, e às vezes se vestem dumas roupas curtas que chamam bájus de seda ou brocado e de gra com muita pedraria, principalmente el rei de Calicut. Fazem as barbas à navalha e deixam uns bigodes compridos à maneira de Turcos, servem-se com pouco estado, mormente no comer que é mui pouco: Mas el rei de Calicut se servia então com muito grande.»⁴¹ Este *então* e o momento da chegada de Vasco da Gama a terras de Calecute. Fernao Lopes de Castanheda prossegue, deambulando pelos costumes destas gentes do Malabar.

Também Gaspar Correia escreveu sobre esta cidade de Calecute no mesmo momento sequencial do narrar a presença portuguesa no Oriente. Esta será uma visão marcada, e podemos mesmo dizer, ensombrada pela presença dos Mouros: «A cidade de Calecut, como era a principal da Índia por seu trato d'antiguidade, era toda povoada de Mouros, estrangeiros e naturais os mais ricos que havia em toda a Índia; Mouros do grao Cairo, que traziam grandes armadas de muitas naus, com grande trato de grossas mercadorias que traziam de Meca, e levavam retorno de pimenta, drogas e todas outras mercadorias as mais ricas de toda a Índia, com que ganhavam grandes riquezas: e a gente natural, que são Malabares, são mui pobres de riquezas; porque da terra não tem nenhum proveito, nem renda mais que somente com que se sustem. O qual sustimento é de mui pouco gasto, como por esta lenda direi em seu lugar: e por isso serem fracos de fazenda, são muito sujeitos aos Mouros, por assim serem ricos, e mormente nos lugares de porto de mar, em

que eles são ricos pelos grandes direitos que lhe rendem os tratos dos Mouros; com os quais tratos os Mouros eram mui possantes, com que assentaram e aliaram nas terras de portos de mar, que eram mais validos e mais temidos que os próprios naturais, com que muitos dos gentios se tornaram Mouros em tanta maneira que eram mais povo que os naturais, por um modo que os Mouros buscaram diabólico (...).³⁵

Por seu turno, João de Barros narra o desenho das terras, das águas, das montanhas, dos rios, num tipo de descrição deste espaço do Malabar que, eu quase me atrevo a apelidar de cartográfica. Depois de *delinear* o sítio da terra a partir da noção de geógrafos, como Ptolomeu e da, como ele próprio escreve, *notícia que ora com o nosso descobrimento temos*,³⁶ passa pelas sucessivas cidades e rios que vão saindo ao grande oceano, (...) e assim muitos esteiros de água salgada tão penetrantes a terra, que retalham a marítima de maneira que se navega por dentro (...).³⁷ Percorre as montanhas até às enseadas e chega à cidade de Calecute, escrevendo: «Neste Tempo que Vasco da Gama chegou a ela, posto que geralmente esta terra Malabar fosse habitada por gentios, nos portos de mar viviam alguns mouros, mais por razão da mercadoria e trato que por algum estado na terra: porque todos reis e principais dela eram do género gentio e da linhagem dos Bramanes (...).³⁸ São esboçados os planos construtivos da cidade e as razões que levaram ao uso de diferentes materiais de construção: (...) a cidade de Calecut, situada em uma costa brava não com grandes edifícios, somente algumas casas nobres de mercadores mouros da terra, e doutros do Cairo e de Meca ali residentes, por causa do trato da especiaria, onde recolhiam sua fazenda com temor do fogo: toda a mais povoação era de madeira cuberta de um género de folha de palma a que eles chamam ola.»³⁹ E poderíamos continuar o confronto de discursos, a deter uma visão especular que flui de cada texto. Contudo, e numa última observação, assiste-se na diversidade de cada narrativa à necessidade de apresentar a diferença que atinge o sujeito autoral. Essa diversidade, por vezes tão encantatória, marca a diferença, e distingue uma identidade traçada na narração não só dos factos, não só dos actos, mas também dos espaços e das gentes com que se cruzam os portugueses nestas paragens. Exemplo agora, com a marca desta autora, serão as palavras de Castanheda sobre as gentes de Melinde a qual (...) é gentia preta e bem disposta, e de cabelo revoltado: os estrangeiros são mouros árabios que se tratam muito bem, especialmente os nobres, da cinta para cima andam nus, e para baixo se cobrem com panos de seda e algodão muito fino: e outros como capelhares sobraçados, e nas cabeças fotas de panos de seda e ouro. Trazem ricas adagas com grandes borlas de seda de cores, e terçados bem guarnecidos, e todos são esquerdos, e trazem arcos e frechas e são grandes frecheiros e presumem de bons cavaleiros. Posto que se diga comumente cavaleiros de Mombaça e mulheres de Melinde, porque as mulheres daqui são fermosas e andam ricamente ataviadas.⁴⁰

Esta viagem, este encontro com o outro, com a alteridade, transporta-nos a um repensar do eu, da identidade, colectiva e pessoal. Ela conduz ainda ao repensar do lugar que o sujeito tem num movimento comum, num confronto ou encontro com o passado, com a História, com aquilo que se consubstanciou num escrever *crônicas da Expansão*.

Notas

¹ Luis de Albuquerque, *Cronicas de Historia de Portugal*, Lisboa, Editorial Presença, 1987, p. 29.

² Francisco Maria Esteves Pereira, *Marco Paulo ...*, Lisboa, Oficinas Gráficas da Biblioteca Nacional, 1922, p. Aj. (actualização da ortografia e substituição das pausas por virgulas).

³ *Ibidem*.

⁴ Fernão Lopes de Castanheda, *Historia do Descobrimento e Conquista da India pelos Portugueses*, Porto, Lello & Irmão Editores, 1979, p. 4. (actualização da ortografia)

⁵ Joao de Barros, *Asia ... Primeira Decada*, Lisboa, Imprensa-Nacional - Casa da Moeda, 1988, p. 2. (actualização da ortografia)

⁶ Gaspar Correia, *Lendas da India*, Porto, Lello & Irmão - Editores, 1975, p. 2. (actualização da ortografia)

⁷ Cf. Introdução da primeira publicação das *Lendas da India* elaborada por Rodrigo José de Lima Felner, sob os auspícios da Academia Real das Sciencias de Lisboa em 1858.

⁸ E de referir que muitos dos relatos que corriam no século XVI, passavam sob a forma de de manuscrito e muitas vezes eram destinados a ser lidos nos círculos mais ou menos alargados da corte. Basta recordar a Crónica anónima do British Museum em que tal aparece mais ou menos explicitado, ou recordar as palavras de Joao de Barros no prólogo da sua *Primeira Decada* em que refere a leitura que fez a D. Manuel da *Crónica do Imperador Clarimundo*. Cf. Joao de Barros, *Asia ...*, p. 3.

⁹ Vários foram os escritos em que Luis de Albuquerque, desenvolveu e justificou as designações que deverao ser atribuidas aos varios textos, bem como Joao Rocha Pinto ou mesmo Luis Filipe Barreto.

¹⁰ Não cabe no âmbito deste nosso trabalho justificar o porquê da nossa aceitação desta tipologia para as obras de Fernão Lopes de Castanheda, Joao de Barros, Gaspar Correia, até porque tal análise é por nós desenvolvida na nossa dissertação de Doutoramento. Contudo alertamos o nosso leitor que ao utilizarmos esta tipologia reportamo-nos especificamente às obras *Historia do Descobrimento e Conquista da India pelos Portugueses*, *Asia ...*, e *Lendas da India*.

¹¹ Cf. Damiao de Gois, *Descrição da Cidade de Lisboa*, Lisboa, Livros Horizonte, 1988, p. 29.

¹² Relativamente a atribuição da autoria do *Diário da Viagem de Vasco da Gama*, muito se tem escrito, aparecendo sempre novas afirmações que pretendem encontrar o nome do seu autor. De todas as que tem vindo a lume, inclino-me para que esta relação tenha sido feita por Alvaro Velho, no entanto não é do âmbito do nosso trabalho explanar as diferentes teses enunciadas sobre este mesmo assunto. Consideramos que este texto não é um Diário como tem sido intitulado, mas sim uma relação, devido as características que apresenta e que em tudo se distanciam das narrativas que seguem a tipologia diarística.

¹³ Cf. Antonio Alberto Banha de Andrade, *Mundos Novos do Mundo*, Lisboa, Junta de investigações do Ultramar, 1972, II, p. 674. Cf. Introdução da edição por nós utilizada das *Lendas da India*, I, p. XXXIV.

¹⁴ *Diário da viagem de Vasco da Gama*, Porto, Livraria Civilização, 1945, II, p. 3-4. Nesta obra já o editor para além da leitura paleográfica do texto apresenta uma actualização da ortografia, ao tempo, a qual respeitamos integralmente na nossa citação.

¹⁵ Fernão Lopes de Castanheda, *op. cit.*, p. 11. (actualização da ortografia).

¹⁶ Gaspar Correia, *op. cit.*, I, p. 15 (actualização da ortografia).

¹⁷ João de Barros *op. cit.*, p. 125.

¹⁸ *Ibidem*, pp. 125-126.

¹⁹ *Ibidem*.

²⁰ *Ibidem*.

²¹ Gaspar Correia, *op. cit.*, IV, p. 597.

²² Cf. *Diário da Viagem de Vasco da Gama*, p. 89.

²³ João de Barros, *op. cit.*, I, p. 1-2.

²⁴ *Gramaticos Portugueses do seculo XVI*, Lisboa, Biblioteca Breve, 1978, p. 43.

²⁵ *Ibidem*, p. 90.

²⁶ In Maria Leonor Carvalho Buescu, *O estudo das linguas exóticas no seculo XVI*, Lisboa, Biblioteca Breve, 1983, p. 10.

²⁷ Atheneum, 1994, p. 33.

²⁸ A propósito ver o artigo de A. A. Marques de Almeida "Aritmetização do Real na sociedade portuguesa (séc. XIV-XVII) in *A Abertura do Mundo – Estudos de História dos Descobrimientos Europeus*, Lisboa, Editorial Presença, 1986, pp. 153-164, o qual para além de fazer um certo ponto da situação também indicada bibliografia exploratória face ao problema.

²⁹ Gaspar Correia, *Lendas da Índia*, I, p. 47.

³⁰ Fernão Lopes de Castanheda, *História do Descobrimento e Conquista da Índia pelos Portugueses*, I, pp.30-31.

³¹ João de Barros, *Asia...Primeira Década* p. 140.

³² *Diário da Viagem de Alvaro Velho*, p. 50

³³ *Ibidem*, pp. 56-57.

³⁴ Fernão Lopes de Castanheda, *op. cit.*, I, p. 38.

³⁵ Gaspar Correia, *op. cit.*, I, p. 75.

³⁶ João de Barros, *Asia...Primeira Década*, p. 145.

³⁷ *Ibidem*, pp. 145.

³⁸ *Ibidem*, pp. 145-146.

³⁹ *Ibidem*.

⁴⁰ Fernão Lopes de Castanheda *op. cit.*, I, p. 31.